

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1

# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 1  
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Fátima Contramestre de Almeida  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
João Carlos Faria  
Luís Ferreira  
Maria Graça da Silveira Filipe  
Maria Rosa Peralta Sousa Silva  
Maria Teresa Rosendo  
Miguel Correia  
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

## *Secretariado e correspondência*



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

## *Capa*

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.  
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas  
António Caetano de Campos Ramos  
Jan van Krimpen

## *Impressão e acabamento*

Impripal Artes Gráficas, Lda. - [www.imprupal.com](http://www.imprupal.com)

## *Depósito Legal n.º*

221991/05

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

## Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

**O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal**

**Victor Borrego**

# Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

## *Integrado por:*

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

## Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

**A Coordenadora Editorial**

**Joaquina Soares**

# Índice

<b>Museus</b>	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75

<b>Arqueologia</b>	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-itálicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
<b>Outros Patrimónios</b>	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200



<b>Recensões, Publicações e Informações</b>	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

# Museu Municipal de Sesimbra

## Programa de desenvolvimento

LUÍS JORGE RODRIGUES GONÇALVES\*

### RESUMO

São apresentadas as principais linhas do Programa de Desenvolvimento do Museu Municipal de Sesimbra. Este dispersar-se-á pelo território concelhio, em diversos núcleos de elevado interesse patrimonial, quer natural, quer histórico-cultural.

### FASES DO MUSEU MUNICIPAL

O primeiro marco do Museu Municipal de Sesimbra remonta a 28 de Maio de 1960, com a inauguração de uma exposição permanente, instalada numa sala anexa à igreja do castelo, sobre a arqueologia do concelho. Em 1982, a exposição temporária de apanhados de pesca, objectos do quotidiano dos pescadores e fotografias alusivas, serviu de base à colecção denominada Museu do Mar, aberta desde 1983.

Em 1987, os espólios de arqueologia e artes de pesca foram transferidos para as instalações do antigo Ciclo Preparatório, onde ainda se mantêm, com a designação de Museu de Arqueologia e Museu do Mar. Não correspondendo a museus, propriamente, mas sendo reservas visitáveis têm mantido acesa a ideia do Museu Municipal de Sesimbra, com uma intensa actividade pedagógica, sendo visitados por parte das escolas do concelho e por turistas.

Em 1999 foi aprovado pela Câmara Municipal o Programa de Desenvolvimento do Museu Municipal de Sesimbra<sup>1</sup> que partiu de novos pressupostos: por

### ABSTRACT

The first steps in the Development Program of the Sesimbra Municipal Museum are being presented. This program is spread through at the municipality into several nuclei, with cultural and historical diversity values.



Fig. 1 - Colecção do Museu do Mar. Foto da C.M. Sesimbra – GIRP Arquivo Fotográfico.

um lado, existem duas boas colecções municipais que se encontram instaladas num local que oferece poucas condições<sup>2</sup>, por outro, existe um conjunto de monumentos naturais e culturais, em todo o concelho, que estão em avançado estado de degradação ou subaproveitados e sem função museológica, classificados ou não, entre os quais está o Castelo (monumento nacional), a Fortaleza de Santiago, o Santuário do Cabo Espichel, a Capela do Espírito Santo

\* Museu Municipal de Sesimbra.

1 - Luís Jorge Gonçalves (2000), Museu de Sesimbra. Um projecto para o século XXI in *Sesimbra Cultura 1*, p. 76-85.

2 - No âmbito do espólio móvel, destaca-se ainda a existência de uma excelente colecção de arte sacra da Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra, cujo espaço onde está instalada não oferece as melhores condições de conservação. Importava, igualmente, permitir aos públicos a sua fruição.



Fig. 2 - Coleção do Museu de Arqueologia. Foto da C.M. Sesimbra – GIRP Arquivo Fotográfico.

(imóveis de interesse público)<sup>3</sup>, as pistas de dinosáurios da Pedreira do Avelino, dos Lagosteiros e da Pedra da Mua (monumentos naturais)<sup>4</sup>. Refiram-se ainda a Casa do Bispo e a Capela de S. Sebastião, bem como todo o Centro Histórico de Sesimbra, onde se inserem, e um conjunto de geomonumentos espalhados por todo o concelho, como a gesseira de Santana ou as diatomites de Alfarim.

No ano de 2001, no âmbito das comemorações dos 800 anos do foral de Sesimbra e tendo em vista a preparação do Programa de Desenvolvimento do Museu Municipal de Sesimbra, foram realizadas actividades que tiveram como pontos mais importantes as exposições “Tempo e Devoção. Sete Séculos de Arte Sacra em Sesimbra”<sup>5</sup>, realizada no Auditório Conde Ferreira; “1201 – O Foral de Sesimbra e o seu tempo” e “Imagens do Castelo de Sesimbra”, realizadas no Castelo.

## O PROGRAMA

O Programa de Desenvolvimento tem como pressuposto uma narrativa em torno dos vestígios naturais e culturais de Sesimbra. A sua implementação

vai ocorrer ao longo de vários anos, de acordo com as disponibilidades financeiras, mas também acompanhando a investigação em várias áreas do saber.

A) O ponto de partida será a **Casa do Bispo**. Edifício cuja fundação remonta ao século XVI, mas com uma traça do século XVII; possui uma pedra heráldica, e insere-se no Centro Histórico de Sesimbra. O Programa contempla-o como futura sede do Museu Municipal, onde ficarão a direcção, as reservas e o serviço educativo. Vai ter uma exposição permanente sobre a geologia e a história do concelho, onde será



Fig. 3 - Fachada da Casa do Bispo. Foto da C.M. Sesimbra – GIRP Arquivo Fotográfico.

3 - Outros monumentos classificados do concelho são o Forte do Cavallo, a estação arqueológica da Lapa do Fumo, o Monumento da Roça do Casal do Meio.

4 - Tenha-se presente que grande do concelho se integra no Parque Natural da Arrábida e na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil.

5 - Reuniu obras do Museu Nacional dos Coches, da Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra, das paróquias de Santiago e do Castelo, do Santuário do Cabo Espichel, da Capela de S. Sebastião e da Capela do Espírito Santo. Teve como comissário o Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira e da qual foi editado um catálogo: Fernando António Baptista Pereira (coordenação), *Tempo e Devoção. Sete Séculos de Arte Sacra em Sesimbra*, catálogo da exposição realizada no auditório Conde Ferreira, Sesimbra: 2001.

inserida a colecção de arqueologia. Esta exposição será ainda o ponto de partida para uma visita a outros núcleos do Museu Municipal e a outros pontos do concelho, propondo-se ao visitante uma narrativa pela história, arte, actividades económicas e património natural do concelho. Estando a Casa do Bispo enquadrada no Centro Histórico, será ainda um meio de valorizar esta área que apresenta uma malha urbana de vila piscatória, que remonta ao século XVI.

B) O **Castelo de Sesimbra** correspondeu à primitiva vila de Sesimbra, fundada em 1201 por D. Sancho I. A construção do castelo decorreu ao longo do



Fig. 4 - Castelo de Sesimbra e Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Consolação. Foto da C.M. Sesimbra – GIRP Arquivo Fotográfico.

século XIII, tendo sido concluída no final desse século, no reinado de D. Dinis. Foi atacado por forças castelhanas, em 1384, e serviu de atalaia de vigilância da costa. Em 1640, foram aí instalados baluartes para reforçar a defesa costeira.

O castelo possui no seu interior vestígios da vila medieval e da alcáçova. Corresponde, na actualidade, a um núcleo urbano abandonado no século XVI, quando a vila se transferiu para a então, Ribeira de Sesimbra, que se transformou em sede municipal. O castelo ficou relativamente despovoado e manteve a igreja paroquial da área rural. Já no século XX, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais procedeu ao restauro das suas muralhas mas, em 1955, a igreja paroquial do Castelo foi transferida, levando a uma degradação acelerada do templo.

A partir de 1998, iniciou-se um programa de reabilitação do Castelo. Partiu-se do pressuposto que um castelo é por si mesmo um museu e, no âmbito do Programa do Museu Municipal, encara-se este monumento como sendo um núcleo onde se aborda a história medieval de Sesimbra. Foi criado o “Centro de Documentação Rafael Monteiro”, espaço de informação turística, lúdico e também de informação sobre o castelo, com uma cafetaria. Foram realizadas outras melhorias, onde se incluem a preparação de estacionamentos para automóveis, o arranjo do adro da igreja e dos caminhos, a abertura permanente da igreja ao público (onde se pode contemplar um conjunto de azulejos datados do final do primeiro quartel do século XVIII) e editadas publicações sobre o castelo, para apoio aos visitantes. Prevê-se ainda a criação de um restaurante no baluarte Norte, já fora das muralhas<sup>6</sup>. A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realizou ainda trabalhos de recuperação de alguns tramos da muralha e das torres do

6 - No ano de 2001 foi ainda realizado, no âmbito das comemorações dos 800 anos do Foral de Sesimbra, o Festival de Música Medieval.

castelo, consolidando estas estruturas arquitectónicas que, nalguns casos, ameaçavam ruir.

No percurso museológico do castelo, a desenvolver no presente, irá constar um conjunto de informação de apoio. Aquele iniciar-se-á na torre poente com uma exposição de apresentação do castelo; seguir-se-ão um conjunto de painéis dispersos pelo castelo a explicar as diferentes estruturas, exposições de objectos do quotidiano, materiais arqueológicos do próprio castelo, numa sala anexa à Igreja (sala sobre a sacristia); farão ainda parte do percurso a Torre de Menagem e o Centro de Documentação. O castelo ficará preparado para no futuro acolher espectáculos e exposições de artes plásticas ao ar livre.

C) A **Fortaleza de Santiago** é um monumento central e marcante da Vila de Sesimbra. Foi construído para defender a vila de possíveis ataques vindos do mar, foi espaço de férias de membros da corte (actualmente ainda é colónia de férias), e funcionou como sede das autoridades marítimas e de fiscalização da costa (mantendo esta função ao ter ai sedeada a Brigada Fiscal da GNR). Para os pescadores de Sesimbra, conserva sobretudo a memória de local onde se obtinham as licenças de pesca.

A história da ocupação da Fortaleza de Santiago é, por conseguinte, marcada pela polivalência. O edifício da fortaleza comporta também diferentes núcleos entre os quais se destaca o antigo paço do comandante, as camaratas, os paióis e as áreas de apoio, como as cozinhas e cantinas, tudo dividido em áreas estanques, que não comunicam entre si.

A fortaleza pela sua implantação e arquitectura é o espaço destinado a abordar as relações de Sesimbra com o Mar, quer na componente das artes de pesca (numa visão antropológica e etnográfica), ou nas questões da oceanografia e ambientais, com laboratórios de experimentação e descoberta do mar. Outras compo-

nentes pressupõem a transformação do antigo paço do governador num salão nobre municipal, para actos públicos, onde se incluem exposições temporárias e conferências. Está também prevista a criação de um restaurante na antiga cozinha e cantina da fortaleza, sendo as referências sobre a história militar da fortaleza distribuídas por todo o espaço público.

D) O **Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel** é outro monumento que o Programa do Museu Municipal contempla. Neste caso, muito dependente das vicissitudes da recuperação deste imóvel. Está previsto que a Câmara Municipal fique com um espaço que será destinado a um centro de interpretação do Cabo Espichel, como monumento natural e cultural.

#### ACAPELA DO ESPÍRITO SANTO DOS MAREANTES

No âmbito do Programa de Desenvolvimento do Museu Municipal de Sesimbra, a Capela do Espírito Santo dos Mareantes é neste momento a obra cuja abertura se prevê para 2004, em resultado da boa colaboração entre a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, através da Direcção Regional de Lisboa, e a Câmara Municipal de Sesimbra.



Fig. 5 - Interior da Fortaleza de Santiago. Foto da C.M. Sesimbra – GIRP Arquivo Fotográfico.

Este monumento apresenta algumas particularidades históricas, artísticas e arquitectónicas que importa referir. Foi fundado em finais do século XV pela Confraria do Espírito Santo, com objectivos assistenciais e de culto. O edifício localizava-se no cruzamento das duas principais ruas de Sesimbra, a que ligava, então, a Ribeira de Sesimbra ao Castelo e a rua Direita. Constava de dois pisos, tendo no piso térreo um “hospital” e no piso superior a capela da confraria. Esta dupla função inseria-se nos objectivos da confraria, de dar assistência ao espírito e ao corpo. Das visitas da Ordem de Santiago, de 1516 e 1553, à vila de Sesimbra, ficaram-nos descrições pormenorizadas do interior da capela e do hospital<sup>7</sup>. Em 1739 a área do hospital é referida, numa outra visitação, como estando em mau estado e sendo utilizada como estrebaria, que o visitante considera ser pouco digno e manda limpar por estar cheio de “mundices”. Com o terramoto de 1755 a capela ficou em ruínas, mas o hospital manteve-se intacto. Na sequência da reconstrução da capela, o hospital foi entulhado, perdendo-se a sua memória. Em 11 de Novembro de 1945, o telhado da capela abateu e o seu espólio foi disperso, tendo sido, em 1947, arrendada pela Câmara Municipal à Associação dos Socorros Mútuos Marítimos e Terrestres da Vila de Sesimbra, pela renda mensal de 50\$00, obrigando-se a autarquia a suportar a reconstrução e adaptação do edifício para biblioteca, o que aconteceu em 1961. No ano seguinte, foi inaugurada a mesma, que aí funcionou em pleno até 1973, quando na sequência de umas obras de remodelação do pavimento foi descoberto o antigo hospital. As escavações arqueológicas prolongaram-se até 1983 e puseram em evidência o hospital descrito nas visitas de 1516 e 1553, grafitos de embarcações, espólio cerâmico e numismático, dos séculos XIV ao início do XX, sendo de evi-

denciar um conjunto de cachimbos dos séculos XVII e XVIII.

Viveu-se então uma situação de impasse, sobre o destino a dar ao edifício, que perdurou até 1999, quando no âmbito do programa museológico se considerou a instalação de uma colecção de Arte Sacra de Sesimbra, no espaço da Capela e a musealização do antigo hospital.



Fig. 6 - Fachada da Capela do Espírito Santo. Foto da C.M. Sesimbra – GIRP Arquivo Fotográfico.

Em 1998, o edifício ameaçava ruína, pelo que foi colocada uma cobertura provisória até ao início da primeira fase da obra, que consistiu na consolidação

7 - Visitação de 1516:

*“Todos os Mareantes e Arrais e Pescadores serão confrades do Espírito Santo (...) Têm por costume os ditos pescadores mandarem dizer cada quinta-feira uma missa rezada do espírito santo e tem as paredes de pedra e cal forrado o tecto de madeira e pintado muito bom. (...) E debaixo é outra tamanha casa em que vive a espiritaleira com seus leitos e camas para os pobres. (...) Visitamos o dito esprital o qual é uma casa em que está um altar de pedra e cal e em cima dele está um retábulo pequeno velho em que está pintado o espírito santo, e outro retábulo em que está pintado o batismo de Nosso Senhor”*

Visitação de 1553:

*“Tem uma casa grande térrea por ladrilhar com um repartimento de um arco com duas chaminés e tem oito leitos com seus repartimentos e guarda pós de tavaado de pinho, nos quartos deles umas cobertas sem colchões nem enxergões nem lençóis.”*

das paredes e de um telhado novo e definitivo. O projecto, da autoria da DGEMN, decorreu em 2001, e implicava a segunda fase que era a própria adaptação do monumento para os fins propostos no programa.

Em 2001, na sequência da exposição “Tempo e Devoção. Sete séculos de Arte Sacra em Sesimbra”, foi estabelecido um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra, em que algumas obras de arte daquela instituição passariam a ficar patentes na Capela do Espírito Santo, garantindo-se neste caso as condições de segurança e de fruição por parte dos públicos.

A segunda fase do projecto e da obra correspondeu à adaptação do edifício. Neste projecto, no primeiro piso vai-se acolher um conjunto de pinturas e esculturas oriundas da capela de S. Sebastião, da própria capela do Espírito Santo, da igreja do Castelo e da Santa Casa da Misericórdia, onde se realça o painel de Nossa Senhora das Misericórdias, da autoria de Gregório Lopes, de cerca de 1530-35, e a Visitação, de mestre desconhecido, de 1763, que estiveram em momentos diferentes no altar-mor da capela da Misericórdia. O piso térreo, que correspondeu ao antigo hospital, será musealizado, com informação sobre a temática da assistência na Idade Moderna, o conceito de doença, a integração deste hospital na rede de hospitais do final do século XV, a história e a arqueologia do hospital, onde será exposto algum espólio daí retirado, no conceito de que se trata de entulhos de várias épocas.

Na sequência da visita, os públicos serão confrontados com a arquitectura do próprio edifício, os vestígios dos leitos, a função de cada compartimento, os grafitos das embarcações; foram mantidos os estuques primitivos e o que restou dos ladrilhos.

A inauguração do espaço museológico da Capela do Espírito Santo será um marco muito importante para o Programa de Desenvolvimento do Museu Municipal de Sesimbra, porque é também o resultado da colaboração com diferentes instituições nacionais e do concelho como a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a Câmara Municipal, a Santa Casa da Misericórdia, a Associação dos Socorros Mútuos Marítimos e Terrestres da Vila de Sesimbra e as Paróquias.

### **RAZÕES DESTE PROGRAMA MUSEOLÓGICO**

- , Visa uma integração das colecções e património imóvel de Sesimbra;
- , Esta integração tem um discurso que é o da descoberta da paisagem natural e humana de Sesimbra: os diferentes vestígios geológicos e do coberto vegetal, e a ocupação humana de Sesimbra desde a pré-história, com a exposição de arqueologia e de história do concelho na Casa do Bispo, a Sesimbra Medieval, no Castelo, a Sesimbra da devoção e da assistência, na Capela do Espírito Santo, a Sesimbra do mar, na Fortaleza de Santiago;
- , É um programa aberto a novas temáticas de acordo com as circunstâncias de cada momento;
- , Visa criar espaços que suportem outras iniciativas culturais, ao mesmo tempo que tornem também Sesimbra num pólo de desenvolvimento do turismo cultural e de natureza;
- , Procura melhorar o apoio às actividades pedagó-